

# AS TRAJETÓRIAS DE JOGADORAS DE FUTEBOL: OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO EM JOGO

Mahinã Leston Araujo<sup>1</sup>  
Raquel da Silveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa teve como objetivo compreender o processo de socialização de mulheres no futebol, uma vez que essa prática é vista como masculina. A metodologia foi de cunho qualitativo, utilizando entrevistas semiestruturadas como instrumento de construção dos dados. Foram entrevistadas seis jogadoras de futebol do Esporte Clube Pelotas/Phoenix – Futebol Feminino, situado na cidade de Pelotas/RS. A construção dos dados se deu na forma de quatro categorias, na intenção de descrever a trajetória de socialização no futebol das jogadoras e as questões que perpassam essa prática esportiva. A partir dessas análises, pode-se concluir que os caminhos percorridos por essas mulheres para praticar futebol são marcados por estratégias que rompem com questões hegemônicas da sociedade, desde os primórdios delas no futebol até a inserção em times amadores.

**Palavras-chave:** Futebol; mulheres; socialização; gênero.

## WOMEN AND SOCIALIZATION: THE PATHS OF FOOTBALL PLAYERS

**Abstract:** This research aimed to understand the process of socialization of women in football, since this is seen as masculine practice. The methodology was qualitative, using semi-structured interviews as a tool for construction of the data. We interviewed six female football players from the Pelotas Sports Club / Phoenix - Women's Football, located in the city of Pelotas / RS. The interpretation of the data has taken the structure of four categories in an attempt to describe the trajectory of socialization in football players and the issues that underlie this sport. From these analyzes we can conclude that the way taken by these women to play football are marked by strategies that break with hegemonic issues of society, from the beginnings of them in football until the insertion of amateur teams.

**Keywords:** Football; women; socialization; gender.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mahinaleston88@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: raqfurg@gmail.com

O futebol é um esporte considerado culturalmente masculino no Brasil, porém, a prática feminina nessa modalidade vem aumentando muito ao longo das décadas. Assim, com o passar do tempo, o processo de socialização nesse meio tem se modificado. Dentre os aspectos que provocam essas modificações destacam-se a forma com que a sociedade vem percebendo esse esporte e a prática esportiva por parte de inúmeras mulheres, rompendo com o estereótipo que futebol é “coisa pra macho”<sup>3</sup>.

Registros evidenciam que, por um longo período, as mulheres praticaram futebol, porém se dizia que esse esporte não era compatível com o seu sexo, acabando, então, sendo proibidas de jogar. Essa proibição se deu devido, também, a esse esporte ser caracterizado como violento, o que poderia masculinizar a figura feminina, fugindo dos padrões ideais de feminilidades<sup>4</sup>.

Com a intenção de colaborar com as questões que envolvem o universo esportivo e as mulheres, o objetivo deste artigo foi entender como acontece o processo de socialização de mulheres no futebol através da construção das trajetórias percorridas por algumas jogadoras do Esporte Clube Pelotas/Phoenix<sup>5</sup>. Como problema de pesquisa destacamos a questão de que, se o futebol é visto como uma área exclusivamente masculina, como acontecem os processos de socializações de mulheres nesse esporte.

Para isso, realizamos um breve referencial teórico sobre as questões de gênero, sobre alguns caminhos percorridos por mulheres no futebol e, também, sobre o conceito de socialização. Após, apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa e finalmente os dados referentes à socialização das mulheres investigadas.

---

<sup>3</sup> FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

<sup>4</sup> GOELLNER, Silvana. Na “Pátria das chuteiras” as mulheres não têm vez. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf)>. Acesso em: 15 out 2010.

<sup>5</sup> Esta pesquisa foi realizada no ano de 2011 como Trabalho de Conclusão de Curso para graduação em Educação Física - Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) sob orientação da prof<sup>a</sup>. Raquel da Silveira.

## Do hegemônico à pluralidade: as construções de gênero

*Mocinha vestida  
Como podes ter pernas marcadas  
Por um esporte dito violento,  
Agressivo, exclusivo de corpos másculos?  
(Planela, 2009)<sup>6</sup>*

Iniciamos a pesquisa analisando as questões de gênero em que Louro (1997)<sup>7</sup> caracteriza enquanto as maneiras que indivíduos culturalmente se tornam homens ou mulheres. Formas plurais de masculinidades e feminilidades vão sendo construídas, já que cada indivíduo se comporta diferentemente dos outros, estabelecendo suas próprias formas de serem homens ou mulheres. Porém, as sociedades apresentam modelos hegemônicos de masculinidades e feminilidades, criando um padrão que é mais aceito e esperado para os comportamentos de homens e mulheres. Dessa forma, os indivíduos que agem e são diferentes dos padrões hegemônicos são geralmente questionados.

Por muito tempo, foi a parte biológica (sexo) que caracterizava os espaços adequados para homens ou mulheres frequentarem. Não se pode negar a parte biológica do ser humano, pois ela é um dos condicionantes de muitas de nossas ações, porém, também não se pode confundi-la como determinante de nossos comportamentos. A opção de olhar a partir do conceito de gênero para as questões dos esportes, em especial do futebol, é justificada por esse colocar em evidência os processos histórico-culturais que diferenciam os comportamentos dos homens e das mulheres<sup>8</sup>.

Louro cita que cada indivíduo possui uma “identidade de gênero” e uma “identidade sexual” e ambas “são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento”, ou seja, “estão sempre se

---

<sup>6</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (Comunicação pessoal do autor Marcos Planela - 20/03/2009).

<sup>7</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 8ª ed., 1997.

<sup>8</sup> *Ibid.*

constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação”<sup>9</sup>. Essas identidades estão inter-relacionadas em diversos momentos, contudo não podem ser compreendidas como sinônimos ou a partir de uma relação de causa e efeito. O gênero está atrelado às vivências que temos sendo homes ou mulheres, sejam essas vivências aceitas ou não socialmente. Já sexualidade se refere à orientação sexual, seja essa a heterossexualidade, orientação sexual hegemônica na sociedade ou outras formas como, por exemplo, a homossexualidade, a bissexualidade, entre outras.

Esses conceitos de gênero e sexualidade são destacados neste artigo devido a estarem em pauta no cotidiano das práticas corporais e esportivas, como também em uma multiplicidade de atividades do nosso dia a dia. Um exemplo é ato de generificar as coisas e práticas que nos rodeiam. Conforme Ferreti e Knijnik<sup>10</sup>, generificar consiste em “colocar as coisas da vida na ordem dos gêneros, apondo normas, atitudes, símbolos e ações pertinentes aos sexos, é hierarquizar os valores numa ordenação que geralmente é bipolar e excludente”. Diante dessa ideia, cabe ressaltar que nem tudo foi criado para todos, havendo uma generificação das ações sociais que cabem aos homens e/ou às mulheres, isso devido à existência de masculinidades e feminilidades hegemônicas. Para Knijnik<sup>11</sup>,

Percebe-se o quanto a temática do gênero, inclusive, e, sobretudo, no meio das práticas corporais e esportivas permanece acesa; neste assunto, não há nada acabado, ao contrário, seus conflitos são vividos cotidianamente nas milhares de quadras, piscinas, ginásios, ruas, praças, parques e academias onde crianças, jovens, adultos e gerações mais antigas praticam esporte – ao mesmo tempo em que o tema permanece o tempo todo na mídia, que aproveita cada espaço para provocar polêmicas e chamar a atenção aos corpos generificados em movimento, sejam eles bonitos ou fora dos padrões legitimados pela norma social.

---

<sup>9</sup> Ibid, p. 27.

<sup>10</sup> FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, dez. 2007, p. 57-80.

<sup>11</sup> KNIJNIK, Jorge Dorfman. Introdução: fazendo gênero no esporte. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.). *Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 19.

Nesse sentido, dentre as práticas esportivas, o futebol, um esporte no Brasil considerado quase que exclusivo dos homens, torna-se um *lócus* interessante e pertinente para problematizar as questões que envolvam mulheres, gênero e sexualidade. Torna-se quase que obrigatório

abordar a relação de gênero, preocupando-se em (re)definir a condição e o lugar da mulher na vida social e esportiva e, no caso específico, sendo esse espaço exclusivo de afirmação da masculinidade, o futebol aparece como uma reserva particular desse espaço<sup>12</sup>.

Sendo assim, é preciso que haja uma redefinição dessa visão, pois as mulheres estão pisando no gramado e marcando seu espaço no futebol. Cabe, então, analisar a história das mulheres nos esportes, em especial no futebol, já que no processo histórico, elas se depararam com inúmeras formas de resistência da sociedade em relação à prática futebolística feminina.

### **Futebol feminino? Desde quando?**

*O que queres mulher neste meio  
Se tantos compromissos e deveres te esperam  
(Planela, 2009)<sup>13</sup>*

As mulheres vão se inserindo na prática do futebol com algumas dificuldades devido ao fato desse esporte ser um espaço de afirmação da masculinidade e da virilidade<sup>14</sup>. Os comportamentos de mulheres que se inseriam nesse meio eram (e podemos dizer que ainda o são) classificados

---

<sup>12</sup> MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 133.

<sup>13</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (Comunicação pessoal do autor Marcos Planela - 20/03/2009).

<sup>14</sup> Moura (2005) diz que “os esportes de contato (como futebol, basquetebol, handebol, futebol americano, rugby etc), que eram áreas exclusivas dos homens, estavam ligados totalmente ao ideal masculino, arrogante e fisicamente forte, contrapondo-se ao feminino, representado como tímido, frágil e dependente (p. 137)”. Ver em: MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 131-147.

como desviantes, uma atitude transgressora ao hegemônico, pois cabia à mulher manter o papel de mãe perante a sociedade. Acreditamos que as “mulheres que ousaram transgredir a normalização do gênero para ‘construir novos desejos e novos estilos’”<sup>15</sup> foram as principais responsáveis para que o futebol no Brasil passasse a ser praticado por mulheres. Dessa forma “a inserção feminina do futebol pode ser vista como uma atitude transgressora porque as mulheres fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, enfrentando um universo caracterizado como próprio do homem”<sup>16</sup>.

Em decorrência dessa atitude, registros evidenciam que, no início do século XX, no Brasil, as mulheres passaram a calçar as chuteiras e pisar nos gramados<sup>17</sup>. Uma percepção mais ampla se deu no início de 1930, quando a prática do futebol por mulheres começou a crescer no país, porém, esse fato passou a ser uma ameaça para a sociedade brasileira. Então, em 1941, o Conselho Nacional de Desportos (CND) decretou a Lei nº 3.199, art. 54, expressando que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”<sup>18</sup>. Em 1965, um novo documento foi criado pelo CND, não permitindo a prática feminina de alguns esportes, dentre eles o futebol. Essa lei foi mantida até 1979, quando o CND liberou a prática feminina no país<sup>19</sup>.

Nesse contexto, cabe ressaltar fatores que fizeram com que elas fossem proibidas de praticar determinados esportes. Acreditava-se que as mulheres que praticassem futebol se tornariam masculinizadas, não só pelas alterações no seu comportamento, mas na modificação da sua aparência,

---

<sup>15</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes. 8. ed., 1997, p. 83.

<sup>16</sup> GOELLNER, GOELLNER, Silvana. Na “Pátria das chuteiras” as mulheres não têm vez. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. Florianópolis, UFSC, 2006, p. 02. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf)>. Acesso em: 15 out 2010.

<sup>17</sup> RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti; et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 29, n. 3, 2008, p. 174.

<sup>18</sup> Decreto-Lei nº 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

<sup>19</sup> GOELLNER, Silvana Vilodre. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. *Labrys estudos feministas*. N. 4, 2003. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/silvanal.htm>>. Acesso em: 15 out 2010.

uma vez que essas praticantes teriam corpos delineados pelo esporte. Esse fato se dá, pois as mulheres eram (e ainda são) julgadas pelos suas formas corporais<sup>20</sup>.

A prática do futebol pelas mulheres visto pelos olhos da sociedade, não estava centrada apenas no desempenho das jogadoras, mas também o foco era dado aos corpos das praticantes, os quais eram espetacularizados e erotizados. Isso fazia com que elas não fossem vistas como masculinizadas mas, sim, que apresentassem corpos bonitos, demonstrando que a feminilidade hegemônica também poderia estar associadas aos gramados<sup>21</sup>. Para Goellner<sup>22</sup>,

a espetacularização se dá seja pela exibição de performances cada vez mais aprimoradas, seja pela construção de corpos comumente identificados como perfeitos, ou ainda pela associação da sua prática com a aquisição de saúde e beleza (p. 1).

Na maioria das situações, espera-se a espetacularização dos corpos femininos e realmente algumas características femininas devem ser ressaltadas, como a beleza, a graciosidade e, principalmente, a sensualidade (GOELLNER, 2006)<sup>23</sup>. Contudo, a associação entre o futebol e a beleza não teve êxito, pois as mulheres, mesmo assim, sofreram algumas interdições no futebol e também em outras modalidades esportivas. Como cita Goellner<sup>24</sup>

os documentos oficiais que operam nesse sentido expressam as representações normatizadas de feminilidade, em geral, associadas à maternidade e à beleza feminina e, para as quais, esportes considerados como “violentos” deveriam

---

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> GOELLNER, Silvana. Na “Pátria das chuteiras” as mulheres não têm vez. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf)>. Acesso em: 15 out 2010.

<sup>22</sup> GOELLNER, 2003, op. cit. p. 01

<sup>23</sup> GOELLNER, 2006, op. cit.

<sup>24</sup> GOELLNER, Silvana. Na “Pátria das chuteiras” as mulheres não têm vez. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. Florianópolis, UFSC, 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf)>. Acesso em: 15 out 2010.

passar ao largo das experiências de sociabilização das meninas e moças.

Por maiores que tenham sido as interdições das mulheres na prática futebolística, elas não deixaram de praticar. Diante desse processo histórico que as mulheres percorreram para se inserirem na prática do futebol, passamos a esclarecer o significado do termo socialização neste trabalho.

### **Trocando a boneca pela bola de futebol**

*Que fascínio a bola em ti exerce  
Se fosses criada para brincar com bonecas?  
(Planela, 2009)<sup>25</sup>*

Para compreender o processo de socialização, consideramos interessante iniciar abordando o conceito de cultura, uma vez que, a partir do momento em que somos inseridos no mundo, somos simultaneamente inseridos em uma cultura, e logo o processo de socialização já se inicia. Com base em Laraia, uma das definições do conceito de cultura pode ser compreendida “como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética”<sup>26</sup>. Dessa forma, nossos comportamentos vão sendo construídos a partir da cultura a qual pertencemos, mas eles não nascem conosco, mas dependem de tudo que aprendemos durante a nossa construção como seres individuais.

Laraia destaca que, apesar das nossas características biológicas exigirem diversos comportamentos, como, por exemplo, alimentar-se e dormir, “a maneira de satisfazê-los varia de uma cultura para outra”<sup>27</sup>. A

---

<sup>25</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (Comunicação pessoal do autor Marcos Planela - 20/03/2009).

<sup>26</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 23. ed., 200, p. 28.

<sup>27</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 23. ed., 2009, p. 37.

cultura, portanto, é apreendida, e a esse processo denominamos de socialização.

Expondo sinteticamente a conceituação do termo socialização, entendemos esse por ser a inserção de um indivíduo em um determinado espaço social, onde há um comportamento que deve ser seguido por quem ali se insere, ou seja, o processo de socialização é “a inserção de um indivíduo no mundo social”<sup>28</sup>. Esse processo ocorre culturalmente a partir do momento em que o sujeito começa a fazer parte da sociedade. De certa forma, pode-se dizer que, conforme o indivíduo vai adquirindo características que competem a ele, vai aprendendo a conviver no seu contexto social, ou seja, ele vai se socializando, refazendo esse processo por toda a vida.

O processo de socialização pode também ser entendido como a “incorporação das maneiras de ser de um grupo”<sup>29</sup>. Ou seja, no momento em que um indivíduo é inserido em determinado grupo, ele passa a viver de acordo com os costumes desse grupo (há quem se distancie desse processo). Alguns exemplos de grupos são de amigos da escola, o time de futebol, a academia, a faculdade, a família. Assim, é notório que os indivíduos apresentem comportamentos diferenciados em determinados grupos em que estão inseridos, pois cada um tem suas peculiaridades, suas regras, permitindo/proibindo certas atitudes.

Além disso, Laraia chama atenção para as limitações que o processo de socialização possui. Para o autor, “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”<sup>30</sup>. Os principais fatores que o autor considera como determinantes para essa característica são idade e sexo. Um exemplo no Brasil é o direito ao voto, que só pode ser feito após os 16 anos de idade. Outro exemplo são as práticas esportivas, que, por serem generificadas,

---

<sup>28</sup> NARVAES, Andréa Becker. Socialização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005. p. 390.

<sup>29</sup> SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo social - Revista de sociologia da USP*. V. 17, n. 2, p. 339, 2005.

<sup>30</sup> LARAIA, op. cit. p. 80.

acabam, muitas vezes, restringindo as vivências de meninos e meninas em algumas práticas, como é o exemplo do futebol. Silveira e Stigger<sup>31</sup>, em um estudo sobre mulheres praticantes de futebol, ressaltam as diferenças de significados que os esportes têm no processo de socialização de meninos e meninas no Brasil. Para os autores, “ao contrário da importância que as práticas esportivas tiveram para com a constituição das masculinidades, a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica”.

Dessa forma, consideramos que, entendendo a socialização enquanto um processo de aprendizagem da cultura e que a cultura possui práticas generificadas, compreender como jogadoras de futebol vivenciam esse processo em um país em que esse esporte é socialmente considerado masculino é pertinente. Assim, passamos agora a apresentar a maneira como escolhemos realizar esta pesquisa.

## **Metodologia**

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa foi de cunho qualitativo, sendo que fizemos uso de entrevista semiestruturada como instrumento para a construção dos dados. Segundo Minayo<sup>32</sup>, a abordagem qualitativa permite que novas pressuposições sejam criadas diante da investigação de um grupo, uma vez que pode ser compreendida como “produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam<sup>33</sup>”.

Em relação às entrevistas, elaboramos um roteiro semiestruturado, o qual permitiu que, durante a realização dessas, novos temas surgissem e fossem abordados. Foram entrevistadas seis jogadoras de futebol do Esporte Clube Pelotas/Phoenix – Futebol Feminino, situado na cidade de

---

<sup>31</sup> SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. V. 35, n. 1, p. 180, jan./mar. 2013.

<sup>32</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 11. ed., 2008.

<sup>33</sup> *Ibid*, p. 57.

Pelotas/RS. A opção por entrevistar jogadoras desse clube se deu ao fato de esse ser o único time de futebol feminino existente na referida cidade.

Todas as jogadoras do time foram convidadas a participar da pesquisa, porém consideramos o interesse e a disponibilidade como os critérios para a escolha das possíveis entrevistadas. Antes de iniciar a entrevista, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, o qual foi assinado pelas entrevistadas. As entrevistas foram realizadas ao longo do ano de 2011, sendo que todas foram gravadas, com duração, em média, de 20 minutos, e posteriormente transcritas. Após isso, foram realizadas a análise e a interpretação das entrevistas, o que resultou na criação de categorias de análises.

Com base em Gil<sup>34</sup>, o objetivo da análise é “organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”. Também afirma que a interpretação é a “procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos”.

Desse modo, a análise se deu a partir da criação de quatro categorias, as quais serão apresentadas em forma de tópicos, a seguir. Na elaboração das categorias, as quais ressaltamos, foram construídas a partir dos dados empíricos, destacamos as trajetórias de aprendizagem do futebol das entrevistadas desde o seu início com a prática desse esporte até o momento atual. Tais categorias foram denominadas de: Primeira Socialização, Segunda Socialização, Terceira Socialização e Questões que perpassam a prática.

### **Resultados e discussão: conhecendo as jogadoras de futebol do Esporte Clube Pelotas/Phoenix – futebol feminino**

Antes de apresentar os aspectos da socialização no futebol, expomos uma breve descrição das seis entrevistadas. A faixa etária varia entre 16 e 23

---

<sup>34</sup> GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 6. ed., 2010, p. 156.

anos; em relação à prática do futebol ficou evidente que três são praticantes dessa modalidade desde a década de 90 do século passado, e as outras três iniciaram essa prática após o ano 2000. Identificamos que, mesmo as jogadoras tendo iniciado a jogar futebol em épocas diferentes, a trajetória delas nessa prática possui inúmeras semelhanças e algumas diferenças.

Para realizar as análises dos dados, criamos quatro categorias de forma que as trajetórias de aprendizagem do futebol das jogadoras entrevistadas fossem compreensíveis desde o seu início até o momento atual.

A primeira categoria remete à prática do futebol quando criança, ou seja, época em que o futebol é jogado em casa ou na rua, com a presença dos meninos e também como forma de brincar. A aprendizagem do futebol aqui acontece de forma aleatória, ou seja, não existe um local próprio para aprender, mas, sim, em todos os espaços se aprende<sup>35</sup>.

Na segunda categoria, percebe-se o interesse em jogar em um grupo homogêneo, tendendo a Educação Física Escolar ser o espaço de transição para a iniciação em uma escolinha de futebol. Elas geralmente começam a participar de um grupo de futebol só de meninas que praticam sistematicamente. Nessa inserção, são aprendidas novas regras e valores sociais daqueles adquiridos na infância, e seguir trilhando por esse meio se torna uma questão de escolha das meninas.

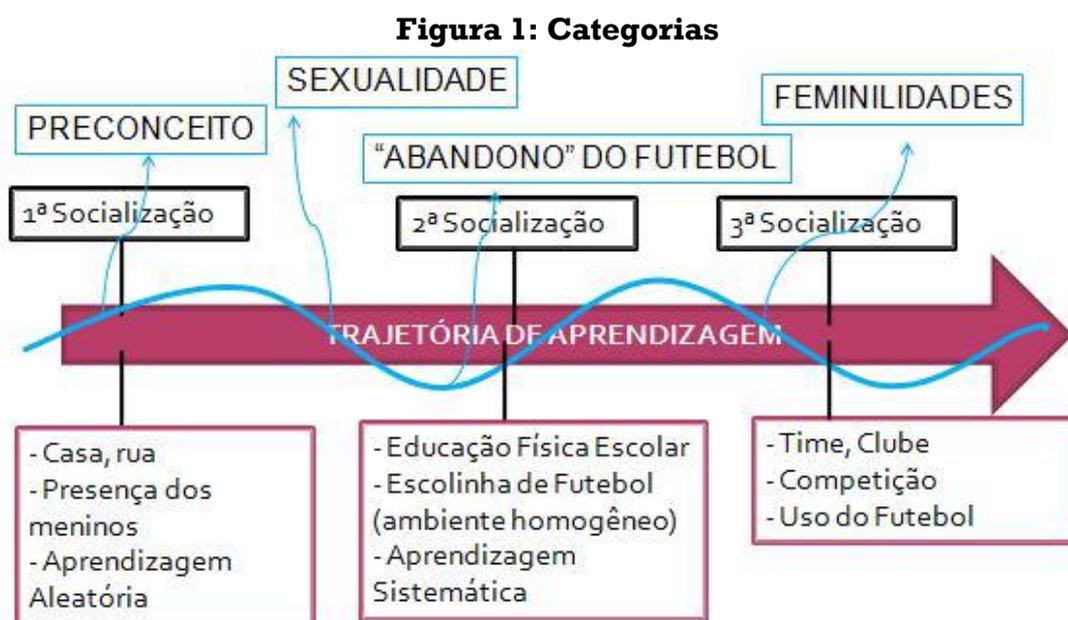
Na terceira categoria, as mulheres já estão na fase adulta, havendo um comprometimento e responsabilidade em um determinado espaço, com pessoas e com um clube. Há uma cobrança em relação à frequência em treinos e ao desempenho, em virtude de se tratar de um time de competição. Nessa fase, o futebol não se apresenta como uma prioridade na vida das atletas, pois, primeiro vêm os estudos, a família e o trabalho. Nesse espaço, elas adquirem um olhar crítico acerca do que é e como está o futebol

---

<sup>35</sup> Denominamos essa categoria de “Primeira socialização”, assim como as próximas duas categorias são denominadas de “Segunda socialização” e “Terceira socialização” respectivamente. Contudo, essa denominação não está embasada nos conceitos sociológicos de ‘primeira’ e ‘segunda socialização’, mas, sim, foram assim nomeadas para enfatizarem as trajetórias que as jogadoras em questão foram desenvolvendo ao longo de suas vidas em relação ao futebol.

feminino, especialmente, no Brasil, rompendo barreiras e preconceitos que aparecem no percurso trilhado por elas.

Por fim, na quarta categoria, buscamos agregar algumas questões que perpassam a prática do futebol por mulheres, como o preconceito, a sexualidade, as feminilidades e o abandono do futebol. Procuramos conectar essas questões e abordá-las juntamente de forma que sejam articuladas. Para uma melhor visualização dessa última categorização dos dados, construímos uma figura explicativa em que a linha na cor azul (que representa essa quarta categorização) percorre toda a trajetória no universo do futebol das jogadoras investigadas:



**Fonte:** Elaboração própria.

A partir daí, utilizamo-nos das falas das jogadoras, interconectando-as com alguns estudos já realizados sobre a prática de futebol feminino, fundamentando e estabelecendo diálogos que condizem com a socialização de mulheres no futebol e a realidade dessa prática no Brasil.

**Primeira socialização: “Quem és tu que corres pelas ruas e campinhos improvisados?”<sup>36</sup>**

Esta primeira categoria remete à prática do futebol pelas entrevistadas durante a infância, ou seja, época em que o futebol é jogado em casa ou na rua com a presença dos meninos e também como forma de brincar.

A partir da análise das trajetórias de aprendizagem das jogadoras<sup>37</sup> de futebol, elas afirmam que tiveram o primeiro contato com essa prática por volta dos 6-10 anos de idade. Para sua iniciação no futebol, elas tiveram apoio e incentivo de um membro da família, o pai, coincidindo com os resultados encontrados nas pesquisas de Silveira<sup>38</sup> e de Moreira e Cunha<sup>39</sup>. É ele quem incentiva o brincar com a bola de futebol nos primórdios da infância e prolonga o espaço da casa, utilizando a rua como um lugar de ensinamentos das técnicas do futebol. As jogadoras 4 e 5 expõem como foi o incentivo ou a influência do pai nesse início de trajetória:

É, meu pai mesmo me deu uma bola e aí ele que jogava comigo, no pátio de casa, ele que me incentivava [...] ele gostava de jogar e me levava sempre junto quando ele ia jogar. Aí, dava a bola pra mim jogar junto<sup>40</sup>.

O meu pai também, o meu pai sempre jogou futebol, acho que também influenciou bastante<sup>41</sup>.

Estabelecendo relações ainda na esfera familiar, há também uma semelhança entre duas entrevistadas, as quais relatam que começaram a

---

<sup>36</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

<sup>37</sup> Para preservar a identidade das informantes da pesquisa, as seis jogadoras entrevistadas serão identificadas como Jogadora 1 (J1), Jogadora 2 (J2), Jogadora 3 (J3), Jogadora 4 (J4), Jogadora 5 (J5) E Jogadora 6 (J6).

<sup>38</sup> SILVEIRA, Raquel da. *Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. Porto Alegre, 2008. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>39</sup> MOREIRA, Maria de Fátima Salum; CUNHA, Ana Mara Gomes da. Garotas no futebol: trajetórias de gênero e sexualidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: Corpo, Violência e Poder. 8 ed. Florianópolis. 2008. p. 01 - 08. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br /8/sts/ST71/Moreira-Cunha\\_71.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br /8/sts/ST71/Moreira-Cunha_71.pdf)>. Acesso em: 09 jan 2014.

<sup>40</sup> J4, entrevista realizada em 14/04/2011.

<sup>41</sup> J5, entrevista realizada em 14/05/2011.

jogar futebol em casa, por influência dos irmãos, fato esse que se faz presente também na pesquisa de Moreira e Cunha<sup>42</sup>. Porém, a jogadora 6 relata que esse jogo com o irmão acontecia de forma igualitária, em que ela era a protagonista em alguns momentos. Já a jogadora 3 deixa explícito que a presença dela no jogo dos irmãos era de acordo com os interesses deles:

Eu só jogava antes em casa com meu irmão [...] Aí depois que a minha mãe via que eu era tão... fanática pra jogar bola que aí ela me deu uma bola. Aí depois furava e ela me dava outra, mas joguei muito com bola de, de jornal<sup>43</sup>.

Eu fui sempre mais criada com o meu pai, então, eu sempre tive mais acesso a coisas de guri, assim, mais na minha casa e aí o futebol tava no meio eu sempre jogava com os guri [...] Só com os meus irmãos. Mas eles também, os meus irmãos me botavam no gol tipo não, tu não sabe jogar, vai pro gol, vai buscar a bola, vai...<sup>44</sup>.

Dando continuidade à essa trajetória, o espaço para a prática do futebol começou a se ampliar passando a ser jogado também na rua, em meio aos amigos e vizinhos, que em sua maioria eram meninos. Cabe aqui entender, conforme coloca Damo<sup>45</sup>, o sentido atribuído à palavra “rua”. Para o autor, essa palavra tem um sentido amplo e é um local onde a diversidade se faz presente. Utilizamos neste trabalho esse mesmo entendimento, já que, para as entrevistadas, a rua foi um dos espaços em que aprenderam a jogar futebol.

Pensando a prática do futebol na rua, cinco entrevistadas relatam que eram as únicas meninas nesse espaço. Porém alegam que o fato de serem únicas não era causa de exclusão por parte dos meninos. Damo<sup>46</sup> enfatiza que, pelo futebol ser construído culturalmente como uma prática masculina, as meninas acabam, por vezes, não jogando. Cabe aqui considerar que as jogadoras entrevistadas, ao contrário do esperado pela nossa cultura,

---

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> J6, entrevista realizada em 17/06/2011.

<sup>44</sup> J3, entrevista realizada em 24/05/2011.

<sup>45</sup> DAMO, Arlei Sander. A rua e o futebol. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 51-70.

<sup>46</sup> Ibid.

inseriram-se nesse espaço dito masculino e foram aceitas, conforme mostram as falas abaixo:

Era bem legal assim pelo fato de eu ser a única guria a jogar com eles sabe. Eles me respeitavam bastante e por eu ser a menor também, né<sup>47</sup>.

Ah, jogava na rua de casa com os vizinhos, amigos, meus primos. Eles moram perto ai a gente tava sempre, que tinha um tempinho chegava do colégio, ia jogar futebol, jogar futebol. [...] E raramente tinha algumas gurias que gostavam, mais era eu e os guris<sup>48</sup>.

Jogava com o moleques, porque não tinha meninas pra jogar comigo, né. [...] na rua tinha sempre os guris jogando e eu ia jogar junto com eles [...] Meus vizinhos... vizinhos ali da volta<sup>49</sup>.

Um fato comum relatado pelas entrevistadas é a disputa que os meninos faziam para saber em que time elas iam jogar, pois todos queriam ser do time delas. Nesse jogo que acontecia na rua, pode-se entender que a disputa estava de acordo com os interesses deles, já que não aceitavam perder para elas. Nas duas falas a seguir, identificamos que as habilidades técnicas das meninas (em relação ao futebol) legitimavam suas participações nos jogos.

Eles gostavam bastante que eu jogasse, sempre queriam que eu ficasse no time deles. Até briga às vezes tinha pra ver em qual time eu ia ficar<sup>50</sup>.

Eles não gostavam de perder pra mim [...] quando tinha mais guris todos queriam jogar no meu time<sup>51</sup>.

Com bases nos relatos dessas jogadoras, a rua pode ser vista como um local onde “há maior familiarização com o grupo de amigos e com o próprio local, facilitando o acesso das meninas aos jogos e atividades com os

<sup>47</sup> J1, entrevista realizada em 20/06/2011.

<sup>48</sup> J2, entrevista realizada em 10/05/2011.

<sup>49</sup> J5, entrevista realizada em 14/05/2011.

<sup>50</sup> J4, entrevista realizada em 14/04/2011.

<sup>51</sup> J6, entrevista realizada em 17/06/2011.

meninos”<sup>52</sup>. Na maioria das falas, ficou evidente que o jogar com os meninos se torna importante para a socialização nesse universo dito masculino, pois é em meio a eles que as meninas dão seus primeiros passos no futebol. Na rua, as meninas que “jogavam bem” (ou seja, que possuíam conhecimento, praticavam o futebol semelhante ao dos meninos) ficam invisíveis frente às questões de gênero para os meninos. O importante nesse lugar é saber jogar ou ainda estar disposta a aprender o futebol<sup>53</sup>.

Nesse primeiro momento de contato com a bola, tanto o espaço da casa quanto o da rua são de aprendizagem do futebol, sendo essa prática aprendida de forma aleatória, sem qualquer sistematização. Esse fato torna-se importante na socialização, pois nessa etapa as meninas que se inserem no espaço do futebol aprendem a técnica, estabelecem relações sociais e valores culturais diferentes em ambos os espaços. Saindo do espaço da casa, novos valores são adquiridos, regras devem ser seguidas, há uma construção cultural acerca da prática feminina nessa modalidade. As meninas vão remodelando muitas questões que estão imbricadas em suas práticas, mas, aos poucos, conquistam seus espaços.

Seguindo a trajetória de aprendizagem na perspectiva de dar continuidade a essa prática, essas jogadoras buscaram locais onde pudessem praticar o futebol com meninas, o que denominamos de Segunda Socialização.

### **Segunda socialização: “Vai ocupando, conquistando seu espaço”<sup>54</sup>**

Neste segundo momento, o jogo de futebol ainda é com a presença masculina, porém, agora acontece na escola, na Educação Física Escolar, a

---

<sup>52</sup> DORNELLES, Priscila Gomes; NETO, Vicente Molina. O ensino do futebol na escola: A perspectiva das Estudantes com Experiências Positivas nas Aulas de Educação Física em Turmas de 5ª a 7ª séries. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física 3: Futebol*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 115.

<sup>53</sup> THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. Imagens das crianças da periferia em projetos sociais esportivos. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 97-115.

<sup>54</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

qual consideramos, nesta pesquisa, um marco de transição para a inserção de algumas dessas meninas em escolinhas de futebol feminino. Cabe mencionar que o jogo na rua ainda acontece paralelamente com o da escola e/ou com o da escolinha.

Analisando a fala das entrevistadas, quando relatam a sua rotina diária na fase escolar, há uma triangulação dessa prática entre a rua, a escola e a escolinha, conforme apontam as jogadoras:

Eu chegava do colégio, tirava a mochila das costas e ia pro campinho. Só botava um tênis velho e já ia jogar bola. Ficava até tarde da noite jogando bola<sup>55</sup>.

Quando eu acordava, tipo, o que eu mais gostava de fazer era jogar. Então eu acordava, tomava café e ia jogava futebol. Aí ia pra escola, estudava de tarde, quando eu voltava, os guris chegavam lá em casa e me convidavam pra jogar. Daí a gente ficava jogando no meio da rua, no meio dos carros, mais ou menos isso, até de noite, depois ia dormir<sup>56</sup>.

Eu ia pra aula de manhã, chegava, ia pra escolinha no clube e à tarde eu jogava futebol na rua (...) quando não tinha treino na escolinha, eu ia pra rua jogar futebol<sup>57</sup>.

Pensando no ambiente escolar, o futebol em muito se faz presente tanto no recreio como nas aulas de Educação Física<sup>58</sup>. Dialogando com as jogadoras sobre o conteúdo que elas tinham em sua Educação Física Escolar, todas mencionaram que o futebol era um dos esportes que elas mais praticavam.

Inúmeras vezes, as meninas, não achando espaço para essa prática, acabavam se inserindo em meio aos meninos, correndo o risco, muitas vezes, de serem excluídas por eles e também por professores/as. Esse processo não permitia que elas tivessem a oportunidade de vivenciar essa prática. A inserção em meio aos meninos deveria acontecer sem estranhamento, mas como já há uma construção cultural em torno da separação por sexo, em muitos espaços escolares, essa inserção não

<sup>55</sup> J1, entrevista realizada em 20/06/2011.

<sup>56</sup> J4, entrevista realizada em 14/04/2011.

<sup>57</sup> J5, entrevista realizada em 14/05/2011.

<sup>58</sup> SOUZA JR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. *Motriz*. Rio Claro, v. 8, n. 1, p. 1-8, 2002.

acontece. As jogadoras 2 e 6 deixam claro esse distanciamento das atividades dos meninos, mas ainda assim jogavam junto com eles:

[Vocês não jogavam com os guris?] A gente tentava, mas era muito guri, aí eles tinham que fechar os times, aí a gente nem tocava na bola quase [...] a gente sempre jogava quando tinha assim... menos guris, daí a gente ia lá jogava. Eu, né, praticamente<sup>59</sup>.

O professor só jogava a bola e a gente só jogava futebol [...] Como a professora obrigava as gurias a jogar, eu jogava com as gurias. Aí quando as gurias ficavam só no vôlei, eu ia e jogava no meio dos guri [...] eles ficavam mexendo só, mas eles gostavam, a maioria não encrencava eles deixavam eu jogar tranquilo<sup>60</sup>.

Consideramos que é papel fundamental do/a professor/a de Educação Física oferecer as diversas vivências corporais aos alunos, sem dicotimizá-las ou generificá-las. A Educação Física Escolar, sob nossa perspectiva, é um momento experiencial diversificado, ou seja, a aula é para todos, em conjunto, assim como qualquer outra disciplina, sendo que “a aula de Educação Física é importante agente na socialização escolar”<sup>61</sup> e também “são as principais responsáveis por proporcionar experiências com essa prática, despertando o interesse de algumas meninas por um esporte socialmente masculino”<sup>62</sup>.

Ao mesmo tempo em que a prática do futebol é realizada na escola, algumas entrevistadas também praticavam, nesse momento de suas vidas, o futebol em escolinhas especializadas. Adentrando a prática realizada nas escolinhas, chama atenção o jogar futebol somente com meninas. Elas contam que sempre tiveram uma relação social muito boa com a equipe da escolinha, mas que, no início, era um local diferente do qual estavam acostumadas. Agora com treinos, elas sentiam um pouco de medo, pois as meninas jogavam melhor que elas, e também porque eram maiores, como

<sup>59</sup> J2, entrevista realizada em 10/05/2011.

<sup>60</sup> J6, entrevista realizada em 17/06/2011.

<sup>61</sup> DORNELLES, Priscila Gomes; NETO, Vicente Molina. O ensino do futebol na escola: A perspectiva das Estudantes com Experiências Positivas nas Aulas de Educação Física em Turmas de 5ª a 7ª séries. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física 3: Futebol*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 120.

<sup>62</sup> *Ibid*, p. 105.

está retratado nas suas falas. Aos poucos, elas foram se socializando e aprendendo as regras e aperfeiçoando as técnicas do futebol que já haviam adquirido em outros espaços, como no de casa, da rua e da escola.

Eu não tinha a mínima noção, eu gostava de jogar, mas aí depois com o tempo fui aprendendo, mas antes não, eu não era muito boa [...] Ah, no início tava com medo porque as gurias eram fortes, eu não sabia jogar. Aí depois aprendi, aí foi muito bom<sup>63</sup>.

[...] eu comecei jogando e depois fui pra uma escolinha, comecei jogando na rua, no bairro realmente e aí depois sim que aí eu já fui pra uma escolinha direitinho jogar com outras gurias<sup>64</sup>.

Diante das trajetórias, vale ressaltar que nem todas as meninas demonstram uma linearidade temporal, sendo alguns acontecimentos condição para a prática em um ou outro local. Como no caso de uma das entrevistadas, a qual passou pelo momento de socialização na rua com os meninos somente depois de entrar para uma escolinha de futebol. Anterior a isso, o futebol era praticado somente em casa, com o irmão. Ao perguntar se ela jogava com os meninos na rua, a jogadora 6 afirma:

Jogava. Ah, só que aí depois quando eu já tava na escolinha. Porque antes dos dez não. Aí eu só jogava em casa [Depois da escolinha] Com um amigo meu que morava aqui perto. A gente jogava eu contra ele sempre...[...] Era só eu de guria. Às vezes quando tinha outros guris que moravam mais longe um pouco. E aí vinha o meu primo também e era só guri e eu de guria [...] <sup>65</sup>.

Assim, elas geralmente começam a participar de um grupo de futebol só de meninas que praticam sistematicamente. Nessa inserção, são aprendidos novas regras e valores sociais daqueles adquiridos na infância. Uma nova forma de comportamento vai sendo construída, aprenderam a técnica formal do futebol e suas regras e demonstraram uma capacidade de adaptação em um meio formado apenas por mulheres. Então, essas praticantes, já com a técnica do futebol aprendido, passaram a fazer o uso

<sup>63</sup> J2, entrevista realizada em 10/05/2011.

<sup>64</sup> J5, entrevista realizada em 14/05/2011.

<sup>65</sup> J6, entrevista realizada em 17/06/2011.

dele em outros locais, só que para isso tiveram que (com)provar que sabem jogar futebol, sendo essa a próxima etapa que elas vivenciaram, a qual foi denominada de Terceira Socialização.

### **Terceira socialização: “Ao teu dom... a tua escolha”<sup>66</sup>**

Neste terceiro momento, a trajetória é descrita como de jogadoras de futebol. Destacamos não mais a aprendizagem do futebol, mas, sim, o uso dele, ou seja, a utilização do futebol como meio de inserção em um time ou clube de competição, não para aprender a técnica, mas para mostrar o que já sabe acerca desse esporte como condições mínimas exigidas para ser uma jogadora de futebol. Porém, a aprendizagem não acaba, pois é através do treinamento que vai se aperfeiçoando a prática esportiva dessas mulheres.

Aqui, as entrevistadas já são mulheres adultas, havendo um comprometimento e responsabilidade com o clube e com pessoas que dele fazem parte. Há cobranças em relação à frequência em treinos e desempenho em virtude de se tratar de um time de competição.

Utilizando como base a pesquisa de Leston e Biasi<sup>67</sup>, realizada por meio de documentos impressos na mídia e conversas informais com o técnico da equipe, cabe apresentar um breve histórico sobre o time em questão e sua efetividade em relação ao futebol praticado por mulheres.

O departamento amador de futebol feminino do Esporte Clube Pelotas/Phoenix, na cidade de Pelotas/RS, está ativado desde o ano de 1996. Já passaram por esse clube mais de 500 meninas e mulheres. Diante de uma conversa com o técnico da equipe, ele mencionou que o objetivo, ao criar o time, era o de fomentar a modalidade na cidade e no estado, bem como criar um novo espaço com oportunidades e inclusão social para atletas e demais integrantes do projeto, como, por exemplo, médicos,

---

<sup>66</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

<sup>67</sup> Pôster apresentado no Congresso Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, UFSC, 2010.

fisioterapeutas, nutricionistas e preparadores físicos. O foco do clube sempre foi o futebol de campo, porém, devido a campeonatos de futsal e futebol de praia, que aconteciam na cidade e na região, o clube optou por também participar dessas modalidades, sempre dando ênfase ao futebol de campo.

Na região sul e também no meio futebolístico, o clube é (re)conhecido pelos títulos já conquistados, pela participação em campeonatos regionais, estaduais e nacionais, pela ascensão de meninas à Seleção Brasileira de Futebol Feminino e também por ter uma coordenação comprometida e séria com o futebol feminino. Esses fatores foram de influência para a divulgação na mídia regional, despertando o interesse de meninas da cidade e também da região.

Como apontam as jogadoras a seguir, a maioria delas que chegou ao Esporte Clube Pelotas/Phoenix já fez parte de outros times de competição, jogando outros futebolis<sup>68</sup>, que não os já abordados nas socializações anteriores, como aquele jogado em casa, na rua, nos campinhos, na escola, nas escolinhas.

[...] no Pelotas, no futsal feminino do Paulista, que tinha também já não tem mais. E deu. E na seleção gaúcha<sup>69</sup>.

No Cruzeiro, que eu joguei salão e agora no Pelotas que é campo<sup>70</sup>.

Assim, de uma forma ou de outra acabaram se inserido nesse espaço, onde os treinos e as competições são motivos de encontros semanais dessas mulheres que trilham por esse caminho. Mas o que será que as levou a procurar por esse clube? Analisando as entrevistas, percebemos que a entidade preza pelo futebol feminino e está em busca de mulheres que gostam e saibam jogar, além de ser o único na cidade de Pelotas/RS que compete tanto em nível estadual quanto nacional.

---

<sup>68</sup> DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

<sup>69</sup> J6, entrevista realizada em 17/06/2011.

<sup>70</sup> J3, entrevista realizada em 24/05/2011.

Problematizando o uso do futebol, para se inserir na equipe é preciso realizaram um teste ou peneirão<sup>71</sup>, pois todas as jogadoras que compõem a equipe passam por uma dessas duas avaliações. Dessa forma, a mulher que se insere no time já possui um bom conhecimento esportivo em relação ao futebol.

Semelhante à segunda socialização, elas também relatam que, no início da sua inserção no local, ficaram meio retraídas pelo fato de estarem em um ambiente novo, com pessoas ainda desconhecidas e/ou, às vezes, algumas conhecidas. Porém, relatam que as jogadoras foram muito receptivas, acolhendo integrantes novas na equipe, como exposto a seguir:

Ah, no início eu ficava assim, com um pouco de medo, as gurias lá, mas depois eu comecei a falar com todo mundo, tudo bem<sup>72</sup>.

Fui bem recebida. Já conhecia algumas das gurias que jogavam lá e fui bem acolhida pelo time<sup>73</sup>.

Ah, no início eu tinha vergonha, porque eu não conhecia ninguém, mas aí logo fui me enturmando, fui fazendo várias amizades e aí foi tudo tranquilo. Não foi nada de difícil pra se adaptar. As gurias também eram bem receptivas, foi tudo tranquilo<sup>74</sup>.

A maioria das jogadoras tem o sonho de chegar à Seleção Brasileira ou então de jogar em outro estado ou país. Mas devido à falta de incentivo, aqui no Brasil, esse sonho, muitas vezes, acaba não se tornando realidade. Das jogadoras entrevistadas, algumas pretendem dar continuidade à carreira futebolística, como citam abaixo:

Ah, futuramente, caso ocorra oportunidade fora, eu pretendo<sup>75</sup>.

Olha, pretender, pretendo no sentido de crescer. Se for pra sair do Pelotas pra ir pra um time maior que vá dar mais incentivo, ah, isso eu quero sim, bastante<sup>76</sup>.

---

<sup>71</sup> Teste para selecionar as melhores jogadoras para compor o time, em que são avaliadas em relação à técnica, à habilidade e aos componentes físicos (velocidade, força, agilidade).

<sup>72</sup> J2, entrevista realizada em 10/05/2011.

<sup>73</sup> J4, entrevista realizada em 14/04/2011.

<sup>74</sup> J6, entrevista realizada em 17/06/2011.

<sup>75</sup> J2, entrevista realizada em 10/05/2011.

Contudo, quando elas falam da importância que dão ao futebol, relatam que essa prática não é a prioridade na vida delas, principalmente devido às dificuldades de profissionalização que elas enfrentam. Conforme elas comentam:

Acho que sem o futebol eu fico com um vazio. Preciso dele [...] É, uma prioridade assim dentro de todas as prioridades, o estudo, a família, mas é uma delas [...] <sup>77</sup>.

Pois é, a importância... a importância de fazer o que eu gosto realmente [...] Prioridade não, porque a gente... né, temos outras coisas, tem o trabalho, né, tem o estudo que... Mas é uma forma de lazer, mas também não deixa de ser... é uma prioridade, né <sup>78</sup>.

Sendo assim, as jogadoras relataram suas vivências acerca do futebol demonstrando alguns caminhos percorridos. Do ambiente familiar à prática na rua com os amigos, passando pela escolinha e chegando a um clube amador de futebol, vêm-se construindo as trajetórias dessas jogadoras que ora são semelhantes, ora são distantes.

### **Questões que perpassam a prática: “Superas barreiras, descaso e preconceitos e pedes apenas respeito” <sup>79</sup>**

Quando o futebol é praticado por mulheres, alguns são os questionamentos feitos sobre essa prática e também frente à vida dessas mulheres. Perpassando as trajetórias aqui investigadas, algumas questões foram levantadas, optamos por analisá-las em um único momento devido a estarem presente ao longo do percurso relatado pelas jogadoras.

Desde os primórdios da infância, as entrevistadas já lidam com o preconceito referente às questões de gênero e sexualidade, tanto por pessoas próximas a elas quanto desconhecidos. Analisando as falas das jogadoras sobre essas questões, o preconceito que existia por parte da

---

<sup>76</sup> J4, entrevista realizada em 14/04/2011.

<sup>77</sup> J2, entrevista realizada em 10/05/2011.

<sup>78</sup> J5, entrevista realizada em 14/05/2011.

<sup>79</sup> Trecho retirado do poema “A menina e a bola” (PLANELA, 2009).

família no início da prática, hoje parece não existir mais. A partir dos dados, é possível entender esse acontecimento. A fala da jogadora 3 representa essa constatação que reformula a visão dos pais:

Meu pai foi bem preconceituoso, ele disse, nunca me negou nada assim, no sentido de dinheiro, 'se precisa de dinheiro pode jogar, eu deixo, eu te dou dinheiro', mas nunca assistiu, sempre debochou, me chamava de machinho por jogar futebol. [...] Desde que eu entrei pro Pelotas mudou. O respeito mudou, agora eles tão começando a levar a sério, mas não, que não existe esse preconceito<sup>80</sup>.

Nota-se que, no início da prática, há uma “desaprovação dos pais”, argumentando que o futebol é um esporte masculino<sup>81</sup>. Porém, ao dar continuidade à prática do futebol, em que existem algumas barreiras, “ao encontrar, na família, o apoio para essa prática, torna-se mais fácil enfrentar as barreiras discriminatórias e preconceituosas que existem nas vivências dessa modalidade esportiva”<sup>82</sup>.

Saindo do âmbito familiar, o preconceito também é visível. Algumas entrevistadas contam que passaram por situações e também já testemunharam cenas de preconceito direcionadas a outras praticantes. Além disso, algumas dizem que nunca sofreram preconceito, porém, ao longo da entrevista, relatam alguma situação preconceituosa. Diante disso, apontamos a fala de uma das entrevistadas:

Não, até que não. Tem muita gente que fala, porque tem na verdade. Mas eu nunca sofri assim. Que eu lembre que tenha me marcado, nunca. Era mais na época do colégio que ficavam falando ai homenzinho porque joga futebol, não sei que. Mas fora isso não. Que eu lembre<sup>83</sup>.

---

<sup>80</sup> J3, entrevista realizada em 24/05/2011.

<sup>81</sup> DORNELLES, Priscila Gomes; NETO, Vicente Molina. O ensino do futebol na escola: A perspectiva das Estudantes com Experiências Positivas nas Aulas de Educação Física em Turmas de 5ª a 7ª séries. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física 3: Futebol*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 116.

<sup>82</sup> *Ibid*, p. 117.

<sup>83</sup> J6, entrevista realizada em 17/06/2011.

Relacionando Moreira e Cunha<sup>84</sup>, “os preconceitos e as preocupações quanto à adequação de tal atividade para uma ‘menina’ não deixou de existir, desde quando eram crianças”. Desse modo, percorrem toda a trajetória futebolística de uma jogadora, mesmo quando esse preconceito por parte da família não aparentar mais existir.

Por outro lado, a sexualidade e as feminilidades vivenciadas pelas jogadoras são constantemente postas em jogo, ou seja, questionadas tanto por pessoas próximas a elas ou desconhecidas, pois borram os padrões hegemônicos. Como se torna evidente na fala da jogadora 3, que aponta esses questionamentos:

Em casa só [...] Ah, vai virar machinho? Vai namorar uma mulher? Ah, eu vou ter uma genra dentro de casa? [...] A minha tia falou que eu tô ficando com o estilo de homem por jogar futebol<sup>85</sup>.

Esses questionamentos e desconfianças constantes acerca das feminilidades e da sexualidade das jogadoras de futebol tornam-se presentes neste cenário e percorrem todos os períodos de socialização delas.

### **Considerações finais**

Por fim, podemos dizer que, do primeiro contato com a bola ao entusiasmo pelo futebol, do espaço da casa para o jogo na rua, da crítica ao incentivo, do jogar com os meninos ao jogo somente com meninas, do preconceito ao apoio, da escolinha ao clube, do brincar à competição, de meninas a mulheres, do aprendizado ao uso do futebol... construímos a socialização das mulheres investigadas, nesta pesquisa, no cenário futebolístico.

---

<sup>84</sup> MOREIRA, Maria de Fátima Salum; CUNHA, Ana Mara Gomes da. Garotas no futebol: trajetórias de gênero e sexualidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8: Corpo, Violência e Poder. 8 ed. Florianópolis. 2008. p. 01 - 08. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br /8/sts/ST71/Moreira-Cunha\\_71.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br /8/sts/ST71/Moreira-Cunha_71.pdf)>. Acesso em: 09 jan 2014, p. 04.

<sup>85</sup> J3, entrevista realizada em 24/05/2011.

A divisão da trajetória em três momentos para essa socialização não quer dizer que todas as mulheres entrevistadas tenham cruzado pelos mesmos caminhos, mas que a grande maioria se identifica em alguns desses momentos. Essa divisão se tornou mais clara para elucidar que o futebol praticado por mulheres acontece em diversos locais, aqui identificados como o jogo em casa, na rua, na escola, na escolinha e num clube de futebol.

Entendendo a prática feminina sobre a perspectiva de que o futebol foi construído culturalmente no Brasil como um espaço masculino, as jogadoras aqui investigadas tendem à desconstrução desse estigma, rompendo barreiras arquitetadas pela sociedade. É interessante e crítico pensar que, em um país que possui o futebol como sinônimo de paixão e identidade nacional, levando multidões aos estádios, a prática feminina nessa modalidade não é valorizada, e sempre esteve carregada de contradições, dificuldades e preconceito.

Recebido em 10.01.2014  
Aprovado em 10.05.2014